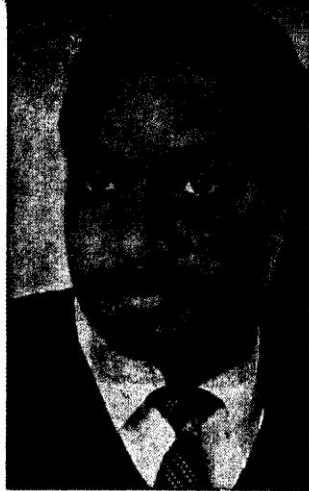
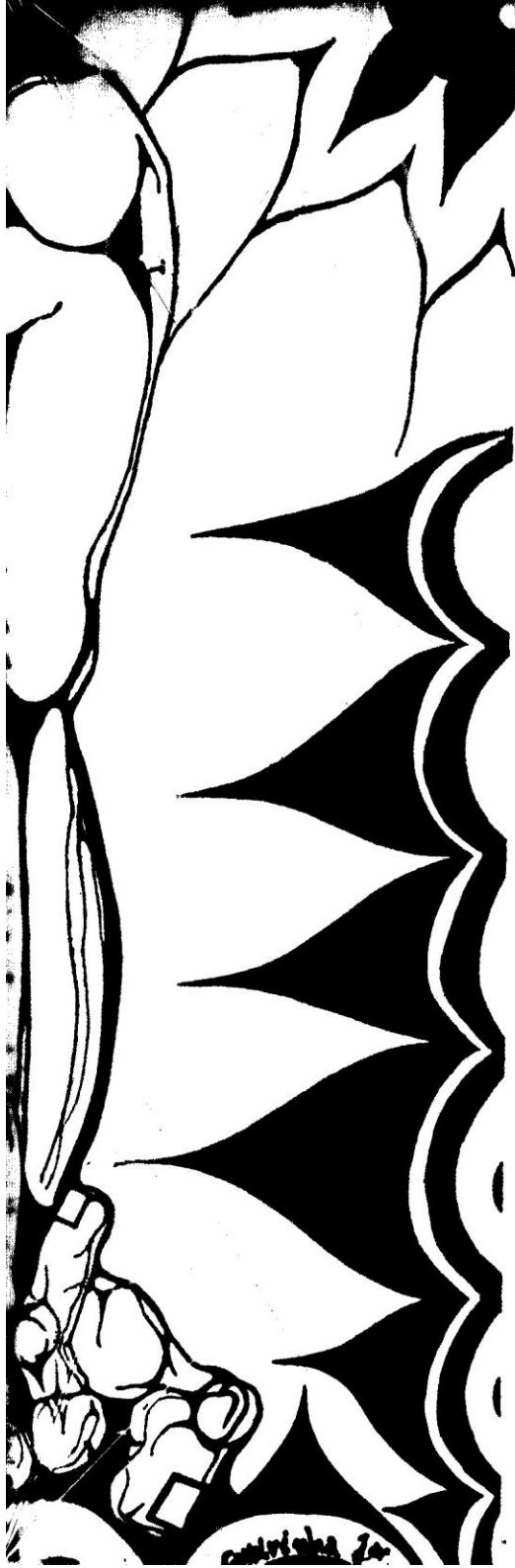




Ora, as vivências do poeta, sendo virtualmente estéticas, são no fundo, desespero. Porquê? Porque o poeta transforma-se sem dar por isso em crítico e criticar é diferenciar. E então aparecem-lhe dois caminhos: a magia — e em parte nenhuma do mundo — ela está tão patente como nesta África em que vivemos, África que deu todas as vivências de Craveirinha. E a voz dessa magia enche a savana e chama-se tambor e chama-se batuque. Mas quando as vozes se calam o poeta vê o outro caminho que se chama ironia.

São os que Craveirinha segue com o maior à-vontade porque a poesia, aproximando-se da sua pureza, perdeu o disfarce e, desnuda e descarnada, vive do desespero como nos demonstrou Kierkegaard.

Dr. Cansado Gonçalves, 1963

Ao Poeta Original
Torça, meu versificador
menor das Áfricas
este

KARINGANA

UA

KARINGANA

Craveirinha

17.10.74

O latido. O locandique

JOSÉ CRAVEIRINHA

**KARINGANA
UA
KARINGANA**



CAPA E VINHETA DE JOSÉ CRAVEIRINHA (FILHO)

LOURENÇO MARQUES, 1974

- *A minha Mãe e ao meu Pai.*
- *A Maria de Lurdes — minha mulher.*
- *Ao Stélio, ao Zeca e à Carla — meus filhos.*
- *A Belinha.*
- *A minha terra natal.*
- *E a alguns dos meus melhores inimigos.*

I

Fabulário

KARINGANA UA KARINGANA

Este jeito
de contar as coisas
à maneira simples das profecias
— Karingana ua Karingana
é que faz a arte sentir
o pássaro da poesia.

E nem
de outra forma se inventa
o que é dos poetas
nem se transforma
a visão do impossível
em sonho do que pode ser.

— Karingana!

KARINGANA UA KARINGANA

De hora a hora
e minuto a minuto cresce
cresce devagarinho a semente na terra escura.
E a vida curva-nos mais ao ritmo fantástico
do nosso chicomo relampejante áscua de chanfuta
subafricano amadurecendo as jejuadas manhãs
ao velho calor dos braços intensos
na lavra das lavras de uma lua
esfarrapada no meio do chão.

E a semente de milho cresce
cresce na povoação que a semeou com ternura
desidratada à preto nos sovacos da machamba
e a estrada passando ao lado vai-se abrindo
como uma mulher vai-se abrindo quente e comprida
aos beijos das rodas duplas da Wenela de cus
e dorsos a germinar os pesadelos dos mochos
bacilarmente
imperceptivelmente
desabrochando os profilácticos
férteis sudoríferos cereais em maturação.

E depois . . .
de capulanas e tangas supersticiosa a vida
vai espiando no céu os indecifráveis agoiros
que hão-de rebentar a nhimba da missava culimada
e na mórbida vigília dos ouvidos ao — Karingana

Ua Karingana!? — todos juntos prescrutando a mafurreira
longínqua no horizonte e as mãos batendo a forja dos mil
sóis da tingoma dos corações enroscados de mambas
de ansiedade à luz da fogueira, respondendo — Karingana!

Oh! Os Xicuembos a chamar a chamar
nas facas de esmeraldas de milhos verticais na terra!

Ah, o dia bom da colheita destes milhos de amor
e tédio vai começar e recomeçar nos inumeráveis chicomos
desalgodoando os algodões a mais sofisticados
de tractores que deviam estar e não estão.

— 2.ª versão —
(29/2/51-63)

MAMPSINCHA

A mampsincha
é um fruto africano
rasteiro ali onde nasce
e cresce de cor verde
enquanto púrpuro se não torna
e já sazonado o levanta
nas puras mãos de ébano
o negrinho na gula do seu caroço.

DÁDIVA DO CÉU

Minha guerra
será contra os pára-quedistas
suspensos entre céu e terra.

Morrerei na minha guerra
ou levarei nos braços de guerrilheiro
para as crianças da minha terra
as sedas lançadas
do bojo do bombardeiro.

E será minha glória
as mães contando aos filhos
a verdadeira história
do primeiro vestido de seda
dádiva do céu.

GUERRA

aos que ficam
resta o recurso
de se vestirem de luto

.....
Ah, cidades
favos de pedra
macios amortecedores de bombas.

Um género de cães ao desbarato
poetas cafres adoçam as nongas
ancestrais dos versos na obsessiva
carne tenra dos açaimos.

A MINHA DOR

Dói
a mesmissima angústia
nas almas
perto e à distância.

E o preto que gritou
é a dor que se não vendeu
na hora do sol perdido.

FÁBULA

Menino gordo comprou um balão
e assoprou
assoprou com força o balão amarelo.

Menino gordo assoprou
assoprou
assoprou
o balão inchou
inchou
e rebentou !

Meninos magros apanharam os restos
e fizeram balõezinhos.

3 DIMENSÕES

(para a Carol e o Nuno)

Na cabina
o deus da máquina
de boné e ganga
tem na mão o segredo das bielas.

Na carruagem
o deus da primeira classe
arquitecta projectos no ar condicionado.

E no ramal
— pés espalmados no aço dos carris —
rebenta pulmões um deus
negro da zorra.

AFORISMO

O preconceito da ave
não é o tamanho das suas asas
nem o ramo em que poisou

Mas a beleza do seu canto
a largueza do seu voo...
o tiro que a matou.

GREVE

De mãos em concha
elas cobriram os bicos dos seios
e cruzaram as pernas
na greve dos sexos.

Sem
os filhos delas
na Coreia a ferrugem
apodreceu as bombas.

MILAGRE

(ao Rui Guerra)

Nas maternidades
sofrem as mães na velha dor de ter.

E nos cinemas
bombardeiros de altitude
e desintegrações do átomo
civilizam as crianças.

Mas no coração do poeta
eternamente a esperança
no sempre novo
milagre de parir !

POEMAZINHO ETERNO

Os amigos
eram falsos como Judas.
Ah, como Judas, não.
Judas arrependeu-se.

Os amigos
eram mesquinhos como Judas
Ah, mesquinhos como Judas, também não.
Judas vendeu Cristo
e enforcou-se.

CIVILIZAÇÃO

Ao dr. Cansado Gonçalves

Antigamente
(antes de Jesus Cristo)
os homens erguiam estádios e templos
e morriam na arena como cães.

Agora . . .
também já constroem Cadillacs.

SUELTO

No laboratório
o lobo dirige a radioactividade
e concentra o cobalto.

Na igreja
pequenos esqueletos juntam
no catecismo os metacarpos.

SÍNTESE

Na cidade
alinhadas à margem as acácias
ao vento urbanizado agitam
o sentido carmesim das suas flores.

E um
menino com mais outros
meninos todos juntos
um dia
fecundam na síntese da rua
cidade
meninos e flores.

GALOS

Até os galos
aqui sabem o delito
do alerta que se não canta.

E a noite
escuta-os na vigília
não desperdiçada
de galar o embrião na manhã
incuba deste sul ao mundo.

DÁDIVA DO CÉU

Ao Manuel Barreto

Minha guerra
será contra os pára-quedistas
suspensos entre céu e terra.

Morrerei na minha guerra
ou levarei nos braços de guerrilheiro
para as crianças da minha terra
as sedas lançadas
do bojo do bombardeiro.

E minha glória
serão as mães contando aos filhos
a história simples do primeiro
autêntico vestido de seda
dádiva do céu.

(1958)

MACHIMBOMBOS

Nas tépidas ilhargas
dos machimbombos os frutos
silvestres aos cachos vão amadurecendo
ao mobiloil do desespero no estribo
enquanto o alcatrão
da rua em comissuras de saibro
plagia o azímute das bocas das mamas
perplexas na paragem
radical.

ESPERANÇA

No canhoeiro
um galagala hesita
a cabeça azul.

Nos roxos
sótãos do crepúsculo
a aranha vai fiando
sua capulana de teia.

E nós ?
Ah, nós esperamos
na euforia das costas suadas
que o sal acumulado
deflagre.

QUADRILHAS

Teus cabelos
tocam-me as amibianas
do gozo nos dedos minuciosos à noite

E formigas de ânsias
articulam os dedos das quadrilhas
de neurasténicos deuses à esquina
libidinosos ao pão.

FELISMINA

Com música
e jogo de luzes como nos circos
desabotoa-te lentamente, Felismina
desabotoa-te ao cúmulo das regras de cabaré
desabotoa-te, Felismina.

Aqui na cidade
a cada milímetro do teu descaramento
vais evoluindo alvejada a focos na barriga
vais evoluindo cada vez mais nua
vais evoluindo com música e tudo
vais evoluindo de mamana mal vestida
em bem despida artista de "strip-tease"
vais evoluindo, Felismina!

OS POROS DA PESTE

O
gordo gato de sangue
ouve triste na madreperla das unhas
os áfricos rumores do nosso passajado
sujo caqui epidérmico a chiar
um ror de ratos assomando
as cabeças perdidas
nos milhões de poros
da peste !

TIMBILEIROS

A maviosa
velha canganhica dos timbileiros
acaba os ócios.

E toda a Zavala
bate e torna a bater agora
a cadência dos corações da turba
dançando as amotinacões voluptuosas
das timbilas de ossos.

HOMEM E FORMIGA

(Para o Fonseca Amaral)

O homem
guiava a máquina no trabalho
suava e gritava nos andaimes
e a formiga
construía sem betoneira
silenciosamente
fraternalmente
sem complexos nem diplomas.

E enquanto o homem
invitaminado erguia
casas grandes de cimento e ferro
no chão crescia a obra colectiva
do insecto consciencializado.

E de betão armado
elevador e ar condicionado
para os brancos e negros
indianos
mulatos e chineses dos andaimes

com retratos obrigatórios
nas chapas das radiografias
as casas grandes razando as nuvens
não chegaram.

E no chão
o formigueiro bastou
à incivilizada formiga.

II

Karingana

Ano de 1963

NESSA NOITE... NÃO !

Nem que viesses de rastos, Maria
os cabelos esparsos no meu peito
e os bicos das rosas de seios
contra os meus lábios duros...
nessa noite, não !

Nessa noite
eu e tu, Maria
só com os dedos bem crispados
nas cavilhas metamorfoses dos tactos
em arco-íris de escamas num petróleo de gritos
e a carne minha e tua sentindo na vigília
a carne dos cinturões, Maria.

E as horas soando
no tenso latejar atormentado das veias
apenas o nosso amor apenas como um íman
crescendo nas ruas da cidade
crescendo
crescendo
para cerrar os dentes, Maria
e lutar !

MÃE

Minha Mãe :

Trago a resina das velhas árvores
da floresta nas minhas veias
e a sina de nascença
no meio das baladas à volta da fogueira
tu sabes como é sempre uma dor nova
sabes ou não sabes, minha Mãe ?
Sabes ou não sabes
o mistério de olhos inflamados de macho
que um dia encontraste no teu caminho
de tombasana de pés descalços ?

Sabes ou não sabes, Mãe
a resina das velhas árvores plantadas pelos espíritos
as blasfêmias do mar salgando as raízes virgens
e as grandes luas de ansiedade esticando
as peles dos tambores enraivecidos
e dando às folhas verdes das palmeiras
o brilho incandescente das catanas nuas? *

■ no sabor do encantamento, Mãe
dos nossos feitiços ancestrais
● exorcismo ingénua das tuas missangas
● maravilhoso maheu das tuas canções
● o segredo do teu corpo possuído
mas de sangue inviolável
onde a minha sina nasceu.

No

espaço da tua sepultura de negra
sabes ou não sabes a verdade
agora sabes ou não sabes
minha Mãe ?

CONSTERNAÇÃO DO NERVO

O desejo
consolida a nossa máquina de entrar
ardente no casulo dos cabelos escondidos
das raparigas com arrepios
que também elas imaginam
o salitre de um homem
na paulatina carícia
do pescoço mordido.

E
no coração
em estado de sítio
minha raça-cão mija na bota
desta árvore de solas no caminho
e masca na boca a prateada fivela
da correia à volta das maxilas.

E a consternação
deste nervo incendeia as cruas
mãos imperecíveis na desbotada ganga
da noite ultriz excitada nos sexos
a ferro e fogo
mel e gritos
pão e água !

XIGUEVENGOS

Esta indecente
conterrânea canção de negro tem o som
breve no mais extenso repouso
inabitável dos aposentos
onde se jaz perguntando
se viver é ainda
isto de rastejar vivo.

E roçando-nos o matope seco
da carne um grande matangadana aos sorvos
nas carótidas como um xiguevengo de camisa
alva engraxa nas costas desta canção
a insalubre epiderme
das polainas.

Mas
espera, meu amor !
Que este inverno sem lenha não há-de
exceder jamais meu vício obscuro de sonhos
que te desfecha dentro a alma alvoroçada
da minha máscara azagaia
bem quente !

TCHAIAM ESTES VERSOS TCHAIAM

Vamos no prelúdio das aleluias,
pressentir o mundo no tenso ritual
da falange concentricamente humedecida
nos mornos imos teus Maria docemente.

E violas às dedadas de amor
tchaiam na insubornável capulana da noite
e as polpas dos dedos em puros vice-versa
tchaiam as melodias bantos no centro
dos cajueiros florindo a montanha.

Mas
minhas violas de madeira de caixote
minhas violas que tchaiam os instintos
perfeitos no grande mocho que nos tchaia as calças
de aqui no delírio do esplendor dos remendos
no ritmo tocado no componde destes versos
atrás da sentinela que produz e reproduz
na guarita própria a lactofome dos filhos.

E na coesa ideologia pornográfica
de um pão despido na luxúria dos dentes
os poetas tchaiam com gosto os queixos de terra
como quem tchaia ferro no ferro.
Mas é tudo ritmo dos dentes, Maria
que tchaiam nas panelas as indecentes
românticas colheradas de farinha.

ORLA AZUL DA NOITE COM MAMBAS

Ouvir a lascívia
com tanto tanto sangue na oração de lábios
e tanto tanto amor na chacina lilás das veias desde
as salivas secas aos magnetos manuais com fantásticos
colchões onde flutuar as espáduas apalpadas das virgens,
as cintas estalando-se no ardor magnífico
dos xipendanas bantos em comum
nos centros tocando a raiva
da estrela dos dois fazendo
um filho !

E as mais belas
missangas no resgate das mulheres
casadas rainhas eleitas dos mabandidos tombados
à esquina como tordos anestesiados a perfumes
de cajueiros emboscados na orla
azul da noite com mambas
e gritos à rasca.

E ao metal dos guizos
do poema nas chagas dos tornozelos
no Setembro antigo das alcateias
tombam os lobos abatidos a pragas de versos
e debelamos a lascívia no barro
ardente das panelas detonadas
à força dos vácuos
de arroz !

LOBO CALABOUÇO E CROWN MINES

Uma vez era um lobo
disfarçado nas pupilas de um homem
com música de rins palpitando harpas
changanas nos flancos das mulheres
sem elas darem por isso na técnica
rural da sua cidadania aonde uma corja
de garras ao natural indo e vindo
no prenúncio mágico das mãos hasteadas
nos vagões da South African Railway
e restos de pés nos pedais das bicicletas
a todo o urânio da Crown Mines rápidas
e persuasivas no melaço das vozes
National nos rádios de aldeia em aldeia
retransmitindo os nervos
de cadeia em cadeia.

Mas um minuto magaízas
não se acidentem agora por favor
que uma libra de gritos na porta mortal
da sua casa de oiro algema o mineiro
e de repente leva-o no seu calabouço
alvo de pernas com meia-dúzia de xelins.

Só
um minuto mais magaízas
só um minuto mais magaízas enquanto volta

de Eloff Street o poeta com chapéu de plástico
uma perna velha e uma nova de madeira
e com um rádio portátil a tiracolo
para acabar de vez este poema !

PÃO EM FANFARRAS DE OURO

Satanhocos de costas curvadas
à penúltima moda afro-unisexo de suar
no índice de larvas gingando os músculos
em saltos dos andaimes abaixo de vez em quando
ou nas minas irremediavelmente esfriado o mofo
dos insoridentes sorrisos adaptados
às circunstâncias subservis
parece...

E nunca ninguém na vida da cidade
como nós tanto no calor do majumbo é capaz
de refazer na côdea branca sequestrada
nos dentes a metamorfose do mais moreno
antes-de-ontem pão seco de lei
em farináceos sinónimos
fermentícios de frescas
fanfarras de ouro.

PRIMAVERA

Estamos sentados.
E nefelibatas bebemos coca-cola
nas públicas cadeiras da praça.

E
sobre as envenenadas acácias
andorinhas geometrizam o azul do céu
e despercebidos passarinhos africanos
cantam nos verdes braços vegetais
de um parque de cidade moçambicana
onde jovens discutem as pernas de Brigitte Bardot
e abúlicas mãos tamborilam
no tampo da mesa fúteis dedos.

Mas um grupo de estivadores
vem do cais vestindo
serapilheiras
e passa a três metros e meio
das cómodas cadeiras da praça
enquanto
cocacolizados
odes cantam nos ramos os bilo-bilana
e na surdina das tímidas meias-palavras
e subentendidos silêncios
ansiosos todos esperamos
indolentes as flores
da nossa comum Primavera.

HISTÓRIA DO MAGAIZA MADEVO

Madevo

foi no comboio de meio-dia
casa de caniço ficou lá na terra
mamana escondeu coração na xicatauana
água de chuva secou no céu.

Madevo foi embora.

Filho foi no rio buscar água
senhor chefe ficou no posto beber bebida
(e homens petrificam
baptizados de mão-de-obra
e multiplicam-se em milhões de randes
com pernas e braços de xibalo).

E Madevo

foi no vagão de mercadoria
para estação de Transval
e aprendeu segredo de componde
com picareta ferro de Magerman
broca automática «Made in USA»
mina cemitério de «Golden City»
e liberdade «Europeans Only».

Madevo fez lobolo

com mil metros de quartzo
abaixo do O.K. Bazar
e embriagado com civilização de componde

Madevo atravessou Ressano Garcia
com ritmo de sífilis nas calças de «ten and six»
um brilho de escárnio no candeeiro à cinta
um gramofone «His Master's Voice»
e na boca uma sincopada
cantiga de magaíza que retoca a paisagem
com a sofisticada cor das hemoptises
a «one pound ten».

N'Gelina agora

vai matar cabrito

vai fermentar bebida

e vai fazer missa, N'Gelina

que os mochos fatais ruflaram asas no Jone
e bicaram Madevo no âmago dos pulmões.

HISTÓRIA DE UM AMOR

Maria Fernanda

Noite misteriosa de segredos murmurados
no cerrar dos dentes e no pulsar das veias
e uma canção no ritmo de nós dois
e as algas dos teus olhos no gritar dos nervos
(ah, Maria, quantas vezes morremos?).

Maria de uma canção de amor
liberta minha solidão secular
a salvo-condutos de ósculos na tua boca
e enquanto minhas mãos procuram tua angústia
e cerras outra vez as pálpebras sombreadas de volúpia
ah, Maria, quantas vezes morremos?

Quantas vezes
a dor rebentou feliz
dos teus lábios meus lábios nossos lábios
das tuas mãos minhas mãos nossas mãos
e cada minuto
cada hora
e cada noite febril
vinham redescobrir
os fantasmas da nossa tristeza?

E em cada encontro marcado
em cada beijo mordido
quantas vezes vivemos e morremos
quantas vezes nascemos e renascemos
e com raiva ou sem raiva
quantas vezes chorámos sem chorar
quantas vezes, Maria?

MARIA SENDE

Havia o vento sobre as cabeças dos milhos
havia a chuva sobre as águas dos rios
e havia a carícia de fogo do «cavalo-marinho»
sobre as cabeças dos homens.

E na longa noite de África
havia
almas perdidas em desejos de vida
canções surumadas de sofrimento
mãos endurecidas na masturbação das fachelas
e bocas aluadas
de gritos de xigubo!

E nós, Maria Sende
homem e mulher na manhã das origens
juntos na espiral de um sonho
preto-e-branco
sem raça !

III

3 Odes ao Inverno

1.ª ODE AO INVERNO

Ainda é manhã cedo
e nas ruas ninguém.
Só o homem do lixo em mortalha
de ganga e cacimba
despejando latas ao ladrar dos cães.

Nas casas
ainda
todas as portas cerradas.

Mas na manhã
ao raivoso rosnar dos cães
só o homem do lixo...
o homem do lixo...
...do lixo...
e mais ninguém.

Ainda
é manhã-cedo nas terras ardentes do sul
e nas cidades as crianças
coitadas dormindo.

2.ª ODE AO INVERNO

Fora
a cacimba enche a noite africana
de treva branca
e os faróis do Buick abrem
caminho à força.

Mas dentro do xigugo
o óxido de carbono
dos fogareiros acesos de carvão
liberta para sempre
os negros dos subúrbios
suavemente.

3.ª ODE AO INVERNO

Na terra dos trópicos
palmeiras alongadas contra o fundo azul-fosco
e «Polana-beach» para turistas de ocasião.

Na terra dos trópicos
(Coca-Cola bem gelada)
e nas paredes transparentes das montras
as «xiganda-bongolo» feiticeiramente
abrindo as almas escondidas
dos homens das sacas no calor
e fundas cobiças chumbando-os
em arrepios de frio.

Na terra dos trópicos...
(Coca-Cola bem gelada)
e cansaços áfricos contra as duras
paredes de vidro da cidade
mascarada e sem alma!

IV

Tingolé

SEMENTEIRA

Cresce a semente
lentamente
debaixo da terra escura.
Cresce a semente
enquanto a vida se curva no chicomo
e o grande sol de África
vem amadurecer tudo
com o seu calor enorme de revelação.
Cresce a semente
que a povoação plantou curvada
e a estrada passa ao lado
macadamizada quente e comprida
e a semente germina
lentamente no matope
imperceptível como um caju em maturação.

E a vida curva as suas milhentas mãos
geme e chora na sina
de plantar nosso ouro branco
enquanto a estrada passa ao lado
aberta e poeirenta
camionizada e comprida.

Depois
de tanga e capulana a vida espera
espiando no céu os agoiros que vão
rebentar sobre as campinas de África

a povoação toda junta no eucalipto grande
nos corações a mamba da ansiedade.
Oh, dia da colheita vai começar
na terra ardente
do algodão !

CANÇÃO NEGREIRA

Amo-te, Maria
com as raízes de uma canção negreira
na madrugada dos meus olhos pardos.

E derrotas de fome
nas minhas mãos de bronze
florescem languidamente na velha
e nervosa cadência marinheira
do cais donde os meus avós negros
embarcaram para hemisférios de escravidão.

Mas se as madrugadas
das minhas órbitas violentadas
despertam as raízes do tempo antigo...
mulher de olhos fadados de amor verde-claro
ventre macio de veludo
lábios de mampsincha madura
e soluços de espasmo latejando no quarto
enche de beijos os gritos do meu sangue
que meninos das mesmas raízes
e das mesmas dolorosas madrugadas
esperam a sua vez.

HISTÓRIA DAS LAGOAS

Aqui
vida está na Lua
quando noite escura silêncio faz canção
e velho cajueiro assobiando ventos de «boogie»
também é marinheiro esperando
Leta Conceição.

Aqui
vida está na hora de Lua
está na ante-sala de cajueiro
está no navio que chegou ou não.

Vem não vem marinheiro
coitado filho de Leta
coitada mãe de sua mãe
coitada janela acesa na barraca das Lagoas
coitados nós todos filhos
de coitada Leta Conceição !

NA MORTE DO MEU TIO ANTÔNIO SEGUNDA ELEGIA A MEU PAI

Tristes
flores na mão de minha mulher
novamente no funeral do Tio Antônio
consagro a tua memória ressuscitando-te
genuíno outra vez no sangue intencionalmente
ex-algarvio do teu irmão
optando como tu, meu Pai.

Que o destino
de família que se encontra no signo
de corações lúcidos na paixão
intensa de um amor outra vez novo
é o preço de conquistar uma pátria desimigrando
da casa de madeira-e-zinco e dois limoeiros no quintal
ao coval raso à justa dos corpos
louvados alto no Mundo
mesmo mortos.

E na provisória
concessão grátis da residência
um talhão à medida segunda vez direito póstumo
de velho colono reformado com dívidas
e renunciando a outorgas da lei que não fossem
mulatos e brancos filhos netos e sobrinhos
José Antônio João e Marias todos Craveirinhas
herdeiros legítimos de ex-polícias falhados

jazendo desfardados mas tranquilos
duplamente irmãos amoldando-se
às areias moçambicanas deste prédio.

E nem outra
condecoração derradeira aos bons serviços
do que a mesma sexta enfermaria comum de todos
uma canção nativa cruzando as estradas
no silogismo de um mainato assobiando
e o Tio António contigo, meu Pai
gozando a fortuna colonial de rosas
nas mãos de Maria minha mulher
ambos sem terrenos nem dinheiro depositado
mas ficando mais ricos enriquecendo as terras
a render juro do próprio sangue
algarvio reafricano.

CÂNTICO DO PASSARO AZUL EM SHARPEVILLE

Os homens magros como eu
não pedem para nascer
nem para cantar.
Mas nascem e cantam
que a nossa voz é a voz incorruptível
dos momentos de angústia sem voz
e dos passos arrastados nas velhas machambas.

E se cantam e nascem
os homens magros de olheiras fundas como eu
não pediram a blasfémia
de um sol que não fosse o mesmo
para uma criança banto
e o menino africânder.

Mas homens somos
e com o mesmíssimo encanto magnífico
dos filhos que geramos
aqui estamos
na vontade viril de viver o canto que sabemos
e tornar também uma vida
a vida de voluntário que não pedimos
nem queremos
e odiamos na ganga africana que vestimos
e na razão de farinha que comemos.

E com as sementes rongas
e as flores silvestres das montanhas zulos
e o doce polen das metralhadoras no ar de Sharpeville
um xitotonguana azul canta num braço de imbondeiro
e levanta no feitiço do céu
a volúpia terrível do nosso voo.

OS ALAMBIQUES DA PONTE-CAIS

I VERSÃO

Os alambiques de cem-réis de braços
e vagonetas descarregadas a mil ombros ao dia
bêbedos de algazarra de guindastes
fazem o alvoroço dos sovaqueiros
fazem deslumbrar a cacimba
e destilam a parafina das camisas
dentro dos porões.

E nos comícios das folgas
os deuses das camisas chateadas
malcriados da ponte-cais aos bandos
dão vinho ao barulho nas cantinas
e vão presos !

II VERSÃO

Afinada orquestra de vagões
descarregados ao dia de sessenta infernos por hora
e os alambiques dos nossos bíceps de farinha
ateiam o ar unânime dos sovacos
e destilam a parafina a 100 graus
das camisas desalfandegadas
de cheiro no meio das ruas
alcatroando-nos.

E na húmida
felicidade interina da garrafa
ensurdecidos maviques nós juntos
na obstetrícia dos cargueiros depois vamos
desamordaçados a goladas de meio-litro.
E no vício
do chinfrim amoroso dos guindastes
se calha fazermos barulho na cantina
talvez por causa do vinho
vamos presos !

MANGONDO

Escuro e frio
fizeram juras nos corpos em serapilheira
e na manhã dos caminhos de cacimba
Mangondo abriu os olhos enormes
ao mágico sinal das palmas tatuadas de calos
e ao sal das vozes do cais na garganta estrangulada.

E alma de Mangondo endureceu
de medo e de frio
e Mangondo saiu da casa de caniço
e finalmente desceu
à cidade incandescente de lâmpadas eléctricas
e assaltou as cabinas dos cinemas.

E Mangondo levou nos braços
os belos tanques floridos de canhões
e a última experiência dos átomos libertados
para o transido coração dos subúrbios.

Nas palhotas de caniço
Mangondo acendeu um fósforo
viu o lume crescer crescer
e chamou toda a gente.

E toda a gente fugiu
do escuro e do frio
e à luz quente dos filmes de guerra da Paramount

os homens e as mulheres
os velhos e os mufanas
despiram as serapilheiras de pesadelo
largaram as xiganda-bongolo às riscas sem nexo
apertaram as capulanas de flores pintadas
juntaram-se
e foram.

ELEGIA A UMA MULHER DE SEIS ANOS

Uma vida de seis anos
somente
e os grandes olhos abertos para um mundo
preenchido pela voz de cocuana Zelina.

Uma vida de seis anos
uma vida
sem quarto de bonecas loiras feitas no estrangeiro
e embalando nos bracinhos magros
a sua boneca inteligente de carolo de milho
no dia da viagem comprida de cocuana Zelina
para as terras do medo e do mistério
das histórias de quizumbas
e guerreiros zulos
matando leões com azagaias.

Seis anos somente
chorando ao canto do mundo de caniço
uma esteira no chão
e o seu pequenino coração
asfixiado na incompreensão de vestirem
cocuana Zelina com a xicatauana de seda
a capulana nova de ramagens encarnadas de mapsele
e também na cabeça branca de algodão
amarrarem o lenço verde de florinhas amarelas.

E deixaste, velha Zelina
na casinha de ripas do Xipamanine
uma mulher de seis anos a brincar
com a boneca inteligente de carolo de milho
e chorando ainda de olhos secos.

«Cocuana Zelina... Oh... Cocuana Zelina...»

E uma vida de seis anos
somente
ficou chamando o teu nome
na partida para sempre
no dia de sol em que as flores foram para ti
e perfumaram o teu sono, cocuana Zelina
e se deitaram contigo
na vala de um por dois da parcela
cavada em honra do teu repouso.

Mas também tu, mulher de seis anos
lá ficaste
no asilo da velhice de cocuana Zelina
deitada no talhão reservado aos imóveis
cidadãos alforriados de costas
no subúrbio derradeiro.

CANTO DO NOSSO AMOR SEM FRONTEIRAS

Estamos juntos
E moçambicanas mãos nossas
dão-se
e olhamos a paisagem e sorrimos.

Não sabemos de áreas de esterlino
de câmbios
vistos de fronteira
zonas do marco e do dólar
portagem do Limpopo
canais do Suez e Panamá.

Amamo-nos hoje numa praia das Honduras
estamos amanhã sob o céu azul da Birmânia
e na madrugada do dia dos teus anos
despertamos nos braços um do outro
baloçando na rede da nossa casa na Nicarágua.

Ou
com os olhos incendiados
nos poentes do Mediterrâneo
recordamos as noites mornas da praia da Polana
e a beijos sorvo a tua boca no Senegal
e depois tingimos mutuamente

os lábios com negras amoras de Jerusalém
ambos entristecidos ao galope dos pés humanos
sem ferraduras puxando riquexós
nas transpiradas ruelas antigas
da ilha de Moçambique.

Oh, beijemo-nos, amor
teus cabelos sussurrantes
na esplêndida
nudez morena do meu peito
que são nossos os céus sulcados de xiricos e aviões
e nossos irmãos os povos dos outros paralelos
até os pobres «boers» solitários
na cruzada de amor em que me abraças numa rua
principal da cidade de Pretória
como se fosse no bairro do Xipamanine.

Mas bem no fundo das almas
e dos corpos tatuados de esperança
o clítoris das montanhas nos sexos das nuvens
pátria do nosso desespero
pátria dos pés descalços na brancura do algodão
pátria de beijos e promessas
é o nosso genuíno grito
a levantar no cosmos a beleza do nome
não renegável de Moçambique !

PAPAGAIO

Na Munhuana
Sonto juntou caniço
colou «nembo» no jornal velho
que senhor da cantina deitou fora
e pouco a pouco fez crescer
cordéis de quinhentas de sal
e duzentas e cinquenta
gramas de arroz de terceira.

E um dia seus olhos
redondo par de zeros crescentes
de mandioca pilada na face
e glóbulos nas veias arianos de anemia
menino da Munhuana
papagaio de quinhentas atirou no ar
e um avião de insónias de xibubutelas
no langor de uma águia viva de papel
sobre as casas grandes de cimento
triunfantemente voou.

MAMANA SAQUINA

Mamana Saquina
na miragem deslumbrante da cidade cosmopolita
ficou cheia de feitiço
na hora de chorar :
— Ambanine João !

Mamana Saquina
ficou preña de comboio na recordação
embrulhada na cantiga do aço contra o aço
no ritmo João Tavassee foi nas minas
João-Tavassee-foi-nas-minas
João-Tavassee-foi-nas-minas
João-Tavassee-foi-nas-minas

(Naquela manhã africana nas folhas dos cajueiros
João Tavassee foi escrever nome na administração)

E mamana Saquina
ficou na terra de Chibuto
com mamana Rosalina e cocuana Massingue
e dez hectares de planície
para semente de concessionária
cair no chão e florir.

E noite e dia
alma de mamana Saquina vestiu capulana de pesadelo
e fundiu-se nos dez hectares em floração.

(E João Tavassee
não voltou mais na administração)

E quando
comboio de magaíza deitou fumo e arrancou
nos êmbolos a voz do xipoco rezou :
João-Tavassee-foi-nas-minas
João-Tavassee-foi-nas-minas
João-Tavassee-foi-nas-minas
e mamana Saquina beleca o filho
rasga terra do milho rasga
e faz milagre de cento e cinquenta e cinco
sacos de algodão !

TINGANE

(Para o Rui Nogar, «pai» de TINGANE)

No coração do homem
a vida era um grande hectare
de terra fresca de chuva e sol
dando um sentido às folhas dos cajueiros
e brunindo os seios inquietos
ao pilar do milho

E era o feitiço dos dedos
em sonhos de compasso
o mundo saindo na marrabenta
dos arames tensos numa tábua de Tingane.

Passos soltos
tarde Xipamanine de domingo.
E Tingane, rua e viola de Tingane
ritmo
ritmo
velho ritmo inconcebível
de dança nova !

SANGUE DA MINHA MÃE

Xipalapala está chamar
oh, sangue de minha mãe
xigubo vai começar
xigubo vai rebentar
e **xipalapala** está chamar sangue de minha mãe.

Oh, sangue de minha mãe
xigubo está chamar
xigubo está chamar
e eu vou entrar no **xigubo** sangue de minha mãe !

Pode vir o fiel sipai João «Mulato»
com sua **nonga** escondida nas costas
e pode vir a chuva de pedra
o vento de fogo dos **chifunfununo** de feitiço
e os guardas montados em negros cavalos de cascos ferrados
oh, sangue de minha mãe
xipalapala está chamar alma de minha mãe !

E o mato dos **xipenhe** vai acordar
sangue de minha mãe !
Oh, sangue de minha mãe
o mato dos **xipenhe** vai finalmente acordar
e gritar no oiro terrível da grande fogueira
gritar sangue de minha mãe !

Xipalapala está chamar
Culucumba de minha mãe está rezar
mato vai acordar
xigubo vai começar
oh... sangue de minha mãe **xigubo** vai começar
e **xipalapala** vai cruzar os caminhos do rio e do mar
gritar e suar no **xigubo**
gritar sangue de minha mãe !

MENSAGEM

(Para a Carol)
agora

Ouvi tua canção distante
tua voz rouca da saudade dos caminhos de nascença
ouvi e guardei no coração.

E a tua voz minha voz nossa voz
não quer grades nem fronteiras
e distância também é grade
também é fronteira dentro de nós.

Ouvi tua voz rouca de saudade
e não encontrei ave solta dos dias
e das noites de Munhuana
e venho aqui chamar teu sangue meu sangue nosso sangue
venho aqui chamar Carolina
Carolina...! Carolina...!
com a mesma voz minha voz tua voz nossa voz
mesmo sangue teu sangue meu sangue nosso sangue
que saudade enrouqueceu no cantar distante
mas desespero tem que fazer flor em toda a parte.

CANTIGA NOVA

No minuto
em que os nervos se rasgaram
calou-se a voz dos grilos
calou-se a voz das ondas do mar
e o mundo estremeceu e parou.

E um gemido
veio como um búzio
docemente soprar-me
entre as nuvens do céu
o teu corpo na terra
e uma espuma de mar.

E do minuto perfeito
ah, Maria Teresa
brotou na praia novamente
a velhíssima cantiga mais nova.

ODE À TERESINHA

Teresinha :
Teu rosto imaturo
com mais esses olhos munhuanenses
e o iniciado sentido de amargura
no semi-cinismo triste das tuas gargalhadas
e nos teus amulatados cabelos ainda os laçarotes
cor-de-rosa nas tranças e por cima a boina branca
de um marinheiro enjoado nos sete mares de uma garrafa.
E na tua hipótese de busto
os futuros seios dois mamilos nas costelas
e por fim essa maneira de andar como a Joana
e à gestação das violas do «Bar Luso» as violáceas
olheiras excitantes da convalescença do filho
de três meses parturiado ao oitavo
uísque-e-soda ginecológico
antes da meia-noite.

Ah, Teresinha
nos teus lábios
ao bater da porta altas horas.
tão prematura em vez da palavra «Mamã»
a tua voz infantil: — Tem gente !

Teresinha :
Agora as tuas inconfessáveis carícias
afamadas a cinquenta escudos os «três pratos»
e na vigília dos fregueses por vez tu mesma
a cruzar e descruzar as pernas osteomaniacas
ainda com saudades de baloiços saltando no compasso

vertiginoso de um «Rock'n Roll» bestial
às mãos sacanas do António chulo.

Sim

tu minha Teresinha já tua voz rouca
de nicotina e álcool escabrosos nomes
inconcebíveis gritando até corar a noite
tu prostitutazinha virginal dos serralheiros
soldadores
tripulantes
recrutas sem cheta
terceiros oficiais e informadores
todos ávidos da evolução técnica mas impúbere
do teu ângulo azul-escuro de menina da cama
namorados que levam de cada idílio contigo
a cosmopolita recordação das tuas gonorreias
e na posse da tua afamada inocência experiente
o lento ritmo moçambicano de nádegas
os olhos no céu de chapa de unitex
e dois vestidos e um saiote do Verão em pleno
bandeiras hasteadas atrás da porta no Inverno
minha tipa dos táxis da Rua Salazar
com percentagem para o Silva.

Oh, Teresinha :

Borboleta gira dos recantos da meia-noite
caramba ! Já teu sangue imune aos antibióticos
camarada do Pacheco da viola tangida com dois dedos
cortados pelo ciúme nazi de uma serra eléctrica
tu companheira da Paulina com hilos
inflamados no pulmão direito
poisa Teresinha as tuas mãos sábias de todos
os segredos peculiares dos estrangeiros
na minha máscula e nervosa mão grande como um país
e descansa no meu ombro cansado de cansar-se até não
se cansar mais a tua cabeça desfrizada a ferro
e soletra palavra por palavra este poema inscrito
em português minha irmãzinha das noitadas moçambicanas
madrugatórias na tua terra Teresinha.

Sim Teresinha

tu menina encartada de mulher da vida aos treze anos
engatada a assobios «tsuí-tsuíuuu»
histérica e relaxada putéfia dizem os choferes
impura e bebedanas da ponta dos dedos aos pulmões
mas fértil como o leite dos mamilos deste Sol
adubo infantil nas machambas dos bares da Rua Araújo
e ao romântico xipefo da Lua nos zínco da Munhuana
tu reinventando as maldições terríveis dos xicuembos
vem comigo Teresinha, vem comigo
e drogada ou desdrogada
reabita a Mafalala !

VIOLAS DE LATA

Minha alma grita
súplicas da Mafalala em mutovanas de Xicuembo
e geme timbilas do músico de Zavala
no ritmo das blusas de saca
do negro contratado.

E tu
minha companheira de olhos tristes
vens amorosamente vens
na tua boca a melodia fraternal
e lá fora na solidão da rua prenhe de gente
a voz infrene de uma cantiga ronga
o morse angustioso de uma viola de lata.

E no meu coração de pedra
estagna o sabor da vingança
e amo a vida no minuto de esquecimento
um desejo de criança porque é uma criança
um pálido raio de lua porque é um raio de lua
a mulata de boca lúbrica na cumplicidade da janela
as tranças loiras de Miss Susie toda nua na praia
e a sumaúma dos braços da negra Margarida.

Mas agora estala
nos dedos raivosos de cantigas suburbanas
os arames de aço da tua lata de música
que o inferno de amnésia acabou

negro de sonhos subversivos
de contratado.
E deixa o cerne do ritmo
no filho de mamã Angelina
a preta que trabalha a partir tincarôsse
na Companhia Industrial do Caju !

AS TALÁCUAS

(Às Isabéis
de Moçambique)

Nossos mundos
não se restringem às respirações
mais aceleradas Isabel Isabel boca na boca
aos golpes de rins fantásticos corpo a corpo
e à música fósforo das falangetas a crepitar nos
mútuos órgãos contaminando-se os doces
gasóleos místicos de fogo posto.

Que uma verba esgotada
de rugas esquartejando-nos as faces
é o salário mínimo às quinhentas de Judas
joelho dos joelhos no sangrento coto charrua dos saibros
sémen dos sémenes nos genitais usinas
de sacanas-nados-tristes
as talácuas alucinadas na carcaça dos tédios
e o mais feroz lobo dos lobos dogmaticamente
no faro dos capulânicos deuses incastráveis
de esperanças.

E todos os dias, querida
a magia do povo exila o rei.
Todos os dias Isabel Isabel de terra os meus dedos
misantrópicos aracnídeos florestais de ternura

alforriam os piolhos das camisas vício das gangas
à delatora baba das quizumbas torcionárias
dos sonhos.

E todos os dias, meu amor
uma dentadura de ferro forjado parte os colmilhos
cão de nojo rilhando as queixadas onnipotentes
na carne siderúrgica dos meus belos braços ancestrais
onde os nervos perfumados a loção de cajueiros doirados
confluem no exílio clandestino do rei.

E só isto, queridas
transcende os vossos reóstatos calcanhares de veludo
vós maravilhosamente Isabéis de terra esporeando-nos
as vibrantes alvoradas dos rins.

AS VEIAS SACRAS DA XIPALAPALA

O romântico céu interino manchando
de nódoas de machimba os fundilhos
da cidade de rosas sob uma diarreia
azul celeste.

E nós todos no território lascivo
do teu belo corpo de mulata
desmolequizados fazemos
nas máquinas das bocas
a nossa própria sacarina
de beijos.

E milhentos dedos
concentram os prolegómenos
da tristeza no meio do regozijo
das dentaduras alvares inchando
nos subúrbios as veias sacras
da grande xipalapala !

A BUZINADELA DO TÁXI

Existe

em nós esta espécie de nova sesta
que não permite cerrar de sono autêntico as pálpebras
ou senão uma ferrugem dilapida-nos mais os negros
diamantes foscos de insónias antiquíssimas
no duro chão bem arenoso das aringas.

E os narizes anticorrosivos
tresandam a brilhantina comum de muitos na almofada
e na sina de artífice moderna a Rita Mamas-Tesas
a buzina dela do táxi temperando o arroz insosso
na madrugada ela reage preta célula fotoelétrica
até à ficha das pernas.

AO MEU BELO PAI EX-EMIGRANTE

Pai :

as maternas palavras de signos
vivem e revivem no meu sangue
e pacientes esperam ainda a época de colheita
enquanto soltas já são as tuas sentimentais
sementes de emigrante português
espezinhadas no passo de marcha
das patrulhas de sovacos suando
as coronhas de pesadelo.

E na minha rude e grata
sinceridade não esqueço
meu antigo português puro
que me geraste no ventre de uma tombasana
eu mais um novo moçambicano
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue.

E agora
para além do meu antigo amigo Jimmy Durante a cantar
e a rir-se sem nenhuma alegria na voz roufenha
subconsciência dos porquês de Buster Keaton sorumbático
achando que não valia a pena fazer cara alegre
e um Algarve de amendoeiras florindo na outra costa
ante os meus sócios Bucha e Estica no 'écran' todo branco

e para sempre um zinco tap-tap de cacimba no chão
e minha Mãe agonizando na esteira em Michafutene
enquanto tua voz serena profecia paternal: — «Zé :
quando eu fechar os olhos não terás mais ninguém».

Oh, Pai :

Juro que em mim ficaram laivos
do luso-arábico Aljezur da tua infância
mas amar por amor só amo
e somente posso e devo amar
esta minha bela e única nação do Mundo
onde minha Mãe nasceu e me gerou
e contigo comungou a terra, meu Pai.
E onde ibéricas heranças de fados e broas
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias
e teu sangue se moçambicanizou nos torrões
da sepultura de velho emigrante numa cama de hospital
colono tão pobre como desembarcaste em África
meu belo Pai ex-português.

Pai :

O Zé de cabelos crespos e aloirados
não sei como ou antes por tua culpa
o «Trinta-diabos» de joelhos esfolados nos mergulhos
à Zamora nas balizas dos estádios descampados
avanzado-centro de «bicicleta» à Leónidas no capim
mortífera pontaria de fisga na guerra aos gala-galas
embasbacado com as proezas dos leões do Circo Pagel
nódoas de caju na camisa e nos calções de caqui
campeão de corridas no «xitututo» Harley Davidson
os fundilhos dos calções avermelhados nos montes
do Desportivo nas gazetas à doca dos pescadores
para salvar a rapariga Maureen Ó'Sullivan das mandíbulas
afiadas dos jacarés do filme de Tarzan Weissemuller
os bolsos cheios de tingolé da praia
as viagens clandestinas nas traseiras gã-galhã-galhã
do carro eléctrico e as mangas verdes com sal

sou eu, Pai, o «Cascabulho» para ti
e Sontinho para minha Mãe
todo maluco de medo das visões alucinantes
de Lon Chaney com muitas caras.

Pai :

Ainda me lembro bem do teu olhar
e mais humano o tenho agora na lucidez da saudade
ou teus versos de improviso em loas à vida escuto
e também lágrimas na demência dos silêncios
em tuas pálpebras revejo nitidamente
eu Buck Jones no vaivém dos teus joelhos
dez anos de alma nos olhos cheios da tua figura
na dimensão desmedida do meu amor por ti
meu belo algarvio bem moçambicano !

E choro-te

chorando-me mais agora que te conheço
a ti, meu Pai vinte e sete anos e três meses depois
dos carros na lenta procissão do nosso funeral
mas só Tu no caixão de funcionário aposentado
nos limites da vida
e na íris do meu olhar o teu lívido rosto
ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus
e na minha cabeça de mulatinho os últimos
afagos da tua mão trémula mas decidida sinto
naquele dia de visitas na enfermaria do hospital central.

E revejo os teus longos dedos no dirlim-dirlim da guitarra
ou o arco da bondade deslizando no violino da tua aguda
[tristeza]

e nas abafadas noites dos nossos índicos verões
tua voz grave recitando Guerra Junqueiro ou Antero
e eu ainda Ricardito, Douglas Fairbanks e Tom Mix
todos cavalgando e aos tiros menos Tarzan analfabeto
e de tanga na casa de madeira-e-zinco
da estrada do Zichacha onde eu nasci.

Pai :

Afinal tu e minha mãe não morreram ainda bem
mas sim os símbolos Texas Jack vencedor dos índios
o Tarzan agente disfarçado em África
e a Shirley Temple de sofisma nas covinhas da face
e eu também é que mudámos.
E alinhavadas palavras como se fossem versos
bandos de sécuas ávidos sangrando grãos de sol
no tropical silo de raivas eu deixo nesta canção
para ti, meu Pai, minha homenagem de caniços
agitados nas manhãs de bronze
chorando gotas de uma cacimba de solidão nas próprias
almas esguias hastes espetadas nas margens das húmidas
ancas sinuosas dos rios.

E nestes versos te escrevo, meu Pai
por enquanto escondidos teus póstumos projectos
mais belos no silêncio e mais fortes na espera
porque nascem e renascem no meu não cicatrizado
ronga-ibérico mas afro-puro coração.
E fica a tua prematura beleza realgarvia
quase revelada nesta carta elegia para ti
meu resgatado primeiro ex-português
número UM Craveirinha moçambicano !

DÓ SUSTENIDO POR DAÍCO

(Para Noémia de Sousa
minha comadre Carol)

Carol :
Lembras-te ainda do Daíco?
Dos seus mil dedos magros
excitados nas cordas da sua fêmea-violão
e principalmente o seus olhos xi-ronga
libelos em náuseas de timidez?

Olha, Carol
fomos hoje acompanhar o Daíco
no regresso definitivo do exílio
sem sair da sua terra.
E estava
como tu o conhecestes antes
da renúncia de Noémia de Sousa no estrangeiro
talvez um pouco mais mudado na maneira
esquisita de continuar o monólogo
de dizer tudo sem falar.
Complexo, quem sabe?
da viagem de automóvel ao comprido
em tábuas de segunda classe
a caminho da mãe-terra.
E vê lá tu, Carol
o Daíco ultimamente na filha-da-mãe

da rua Araújo até às quatro horas da manhã
a tocar viola contra a estúpida opinião de uma
radiografia de frente aos seus pulmões.

Pois, é!

O Daíco das variações
extraordinárias em si-bemol
excêntrico das serenatas de marrabentas nos caniços
uma sopa de chá três vezes ao dia na barriga
a pomporra da primeira viola eléctrica a prestações
e a boca escarninha de quem não quer chatices
ele retirou-se reformado na horizontal
e fomos manhingue conterrâneos atrás levá-lo
de vez à residência do tamanho arquitectónico
do inquilino Daíco à própria escala.

Carol :

Acredita que lá fomos todos
o sentimento aumentado à branco nas gravatas pretas
aborrecidos levar à derradeira casa um poeta
que excedia o universo
certo à música do seu mundo
e que até os fatos largos que vestia, vê lá tu
coincidiam sempre com a pequenez das pessoas
que lhos davam em segunda mão.

Estás a ver, Carol

o Daíco chateado foi-se embora
mas ficou no «long-plaing» da Mafalala
mulato cafuso a vibrar as cordas para sempre
e agora já ele não pensa mais em repetir o clássico
gesto indicador na minuta suburbana de explicar
as consequências dermatológicas
na contrapalma das próprias mãos.

Carol :

Estávamos no cemitério quase todos
reunidos à despedida do nosso companheiro Daíco :
o Zagueta e o Brandão
o Pacheco mais o Catembe e o Mundapana

O Tindosse, o Manecas — filhos do Banheira — e o
[Mangaré
a Maria-Rapaz e muitas gajas do Penguin que até
[choraram
o Mussagi e alguns brancos no meio da gente
com o Xico Albasini talvez arrependido em ter deixado
o Daíco partir sem um dó-sustenido electrificado
no timbre de todas as violas da malta
todas, Carol, todas amplificadas
não se calarem mais.

Pois é Carol
vou terminar esta carta enviando-a sem via
sobre a amnistia de quarenta e tal anos de exílio
do Daíco dentro de Lourenço Marques a tocar bacilos
mas não estejas pensativa nem triste onde quer que estejas
que o Daíco executa agora resvés ao coração da pátria
de improviso a resistência da última posição
no corpo inteiro em contracanto.

E garanto-te, Carol
que neste preciso momento em Moçambique
jacente a orquestra de humos começou
de certeza no sigilo unísono de tudo
o típico movimento arenoso puro
folclore das boas-vindas
ao Daíco.

HOSSANAS AO HÔSSI JESUS

Menino Hôssi :
amamos em família a Paz
connosco desde o Verbo doutriniário
que Te emancipou na Cruz.
E do Teu nascimento
renovado ao calvário do Mundo
Ave-Mamana
sentimos os centuriões tingir
os seus extensos gládios
outra vez no panfletário
helicóptero das Tuas parábolas
Amen !

Hôssi :
Coitados ainda ajoelhamos
algures de corpo inteiro no cimento
desmontados de repente
no vácuo flutuamos incógnitos
no miasma pagão do catecismo nuclear
pele de poentes num céu de bombas
e uma atrasada Galileia sem mambas
tóxicas de gás
oxalá !

Hôssi !
Nascemos já envelhecidos
razões nenhuma de Quissimusse
e inguavanas Madalenas arrependidas de nós

no dia Gólgota munhuanizado nas cantinas
Jerusalém bantu exterior à igreja
fé nos estábulos Pânzer
e no salmo recauchutante
contra-fomes e auto-estradas
dai-nos o milho da mesma ceia
o barro o zinco e as estacas da mesma casa
e o perdão dos fariseus inocentes
emite-nos pela rádio-patrolha
renascido Messias no curso
de carpinteiro

E preces
sementes deste Sol das coisas
uo Xipamanine sabes ali onde param os carros
bíblico Xicuembo um dos nossos não tenhas medo
Ave-Maria mamana do Redentor traído
dar de comer a quem tem mais comida
um livro ou um prato um prato ou um livro?
colher amendoim para quê ou fazer cana de açúcar
é doce então amar o capataz mais do que a nós mesmos
dar de beber água a quem tem o champanhe todo
não mandar ninguém plantar algodão
e despir ainda mais os nus que bom
na vilegiatura das praias no inverno
nas gamboas da maré propícia.

Jesus Hôssi :
Meninos-bonitos dormem
e nos berços vão sonicando
enquanto fazem os sonhos caber senão !
no sapato da chaminé consta nunca vimos
na certeza dos brinquedos eléctricos
que o paizinho por conta de Jesus
comprou nas vésperas.

E quando uma aleluia
é três ma-zona de machimbombo 7
do nosso Quissimusse ao Natal

o automóvel veloz a cordel
escudo a escudo até chegar ao chão
é hossana do carrinho de linhas
chofer de Boas-Festas na areia
de nossos filhos ajudantes de mecânico a si mesmos
a si mesmos com o brrrrrr!!!! dos motores de lábios
os tiros de escapes da boca que até cheiram óleo
de fome e os guiadores guinam o arame
na redenção da vitrina longínqua de prendas
meninos e meninas cá de fora manobram
as tais xitimela que já não fazem fumo
sacam os revólveres de plástico rápidos
e embalam as loiras de quinhentos e tal escudos
que fingem ó-ó e com voz de falsete
chamam «Mamã ! . . . Mamã !» em português.

Meu Hôssi carpinteiro
hoje técnicos samaritanos crismam
de radioactividade as pombas e as crianças
e o céu já é dos astronautas também
e na síntese dos neo-mandamentos
rezamos a deuses século vinte
o nosso xicombelo :
— Senhores centuriões do ar
ou patrões tanto faz
fazei chegar às cidades
mais supersónico o míssil
e dai-nos a vossa bênção
instantânea paranóia
ultra dos átomos
Amen !

E humildade ao excesso
a claqué do clube Jesus Cristo
lateja no circuito fechado
arena de todo o Mundo
Amen outra vez !

E Jesus deste Quissimusse
perdoa-nos a ciência imprestindível
do brinde a uísque e ginger-ale traz a garrafa rapaz
ou só com água e gelo quantas pedras chega?
um Natal Feliz de gambiarras tem que ser um pinheiro
nozes amêndoas e figos dá ao moleque um pão
espuma de vinho espirituoso este é do bom
sujando a gravata desculpe foi sem querer
e o telefonema a avisar sem falta
que o namoro começa na missa do galo
Hip! Hip!
Hurra!

HINO DE LOUVOR A VALENTINA TERESKOVA

(Dedicado à Ló, que mo pediu
e para quem o fiz)

Louvo
o Sol que esparge os seus cabelos ruivos
no feminino colo imenso do Mundo.

Louvo
as estrelas num céu azul para todos
e louvo uma Lua ideológica no sublime
Kenguelequezê dos subúrbios.

Louvo
a enxada nas mãos de calos das heroínas rurais
e louvo o rubor das papoilas na aurora dos prados
da Terra inteira.

Louvo
as crianças de todos os continentes
e louvo os dedos proletários na alavanca
dócil dos tractores.

Louvo
a Mãe que gerou no seu ventre
o Filho que nos seus dedos fez
o milagre que multiplicou as côdeas de um pão

ensinou as parábolas subversivas de sermos todos iguais
e irado expulsou do templo amorosamente
a cavalo-marinho os cantineiros.

Louvo a indiferença
imigrante das andorinhas sobrevoando
as rampas dos foguetões de focinhos nucleares
e louvo desde aqui em África
o catecismo de Ellen Keeler
a bíblia de um quilo de farinha
e mais louvo as recauchutadas sandálias
de restos de pneus às tiras
reabilitadas nos calcanhares subdesenvolvidos
carimbando preto no preto o asfalto.

Louvo
a alma regenerada de uma capulana importada
e com os braços abertos em bússola tropical
a lavra de trinta pés de mandioca louvo
e também louvo o dia em que nasceu na Europa
um charleston de onze filhos
do amor além-placentário
da negra Josefina Baker.

Louvo
o fecundo sexo masculino das charruas
na génese grão a grão
do fértil amor à terra.
E louvo o leite
no louvado seja
belo seio de todas as mães
coagidas entre a paz e a guerra.

Louvo Gabriela Mistral
e madame Eleanor Roosevelt
e também louvo a Rainha Santa Isabel
no ilusionismo histórico das rosas
camuflando o pão dos pobres em flores dos ricos
para iludir o seu Rei e Senhor

E louvo a chuva
no sentimento não sectário de um bom céu agrícola
e na memória
dos pais sepultos em campas de morteiro
e maridos saciados do fásccio
de baionetas, pólvora, plantações de algodão
e despetalizar do «bouquet» dos átomos
louvo as orfãs e viúvas dos soldados
civis e contratados que para nunca mais.
Ah !

Louvo
a debilha no celeiro dos peixes
e louvo — nas albufeiras além das águas
a intensa hora do comício nas colheitas
e a lengalenga antirreacionária das mondadeiras mecânicas
na milenária acústica das enxadas
nas reavidas machambas.

E a arquitectura
comunitária das abelhas nesta colmeia
e o instintivo senso urbanístico da formiga
no formigueiro louvo.

Ah ! E em vez de arranha-céus
a bater recordes de altura na cidade hostil
louvo antes o rústico moinho de vento ao menos
a moer a farinha de toda a aldeia
e no inverno de cada xibalo
louvo uma a uma as fibras
das serapilheiras quando
podia louvar o excesso desperdiçado
de cobertores e camisolas na Polana.

Ah ! Valentina !
Na beleza da maternidade e nosso
reivindicativo afro-amor a todos
louvo a mulher que deu o ser a Rabindranat Tagore
o ventre que gerou Goya, Beethoven, Madame Curie

Portinari, Pablo Neruda e a bailarina Pavlova
e o humor que faz Mr. Charlie Chaplin ser Charlot
sinceramente louvo além dos que também
louvo mas não digo.

E deste poema em diante louvo a Ló
que me pediu para fazer este poema
em louvor a Valentina Tereskova
primeira mulher no inabitado lar do cosmos
sorrindo na estonteante granja
colectiva dos astros.

E todas as irmãs
esposas e mães nascidas antes
e depois da operária têxtil Valyusha
no agora de Junho de mil novecentos e sessenta e três
juntas na pulsação do belo seio
rítmico duo de aves moscovitas
louvo na comuna espacial.

Ah ! Valentina !

Tu o próprio ritual materno de oferenda
e a tua imagem em órbita nos aposentos do céu
nunca um corpo de mulher tão impecaminoso
aos olhos vítreos de Jodrell Bank
à tua coca noite e dia.

E daqui em África
um moçambicano louva-te
e torna a louvar Valentina Tereskova !

QUERO SER TAMBOR

Tambor está velho de gritar
ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

E nem flor nascida no mato do desespero.
Nem rio correndo para o mar do desespero.
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero.
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada !

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra.
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra !

Eu !

Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala.
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo.
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando a canção da força e da vida
só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque !

Oh, velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor !

INTERRUPÇÃO

Meu amor :
desculpa-me se tão cedo
te não escrevo cartas sentimentais
fechadas com o terno adeus da praxe :
— amo-te. Saudades. Mil beijos.
E assinadas : teu Zé.

E quanto à beleza dos teus olhos
à garça chope na curva lisa do teu colo
e ao calmo chango
mais chango na leveza do teu andar
perdoa-me também se lhes prefiro
furtivamente o rugoso perfil de um tronco
um ângulo de pedra
a latejante paz densa de uma cave
um tufo de capim no mato
o mínimo pómulo tumefacto da planície
uma fresta de muro e um vão de telhado
um arco de ponte desmoronando-se no rio
e a técnica da nádega nua
dura e dócil de uma coronha
na interrupção necessária do meu lirismo.

Que toda esta renúncia
às nossas cartas sentimentais
e desejo transitório de frestas
muros e sub-reptícios assobios de alerta

é a certeza de te amar cada vez mais
minha Isabel ou Maria Fernanda
Teresinha ou Joana das Lagoas
com o amor que subsiste para além
do lume de cigarro do camarada surpreendido
e livre para lá do estupefaciente romantismo dos dois
e da metamorfose de cada torrão de areia
no amuleto que mais se ama
por ser do mesmo chão que nos pertence.

MSAHO

negro chope
subnutrido canta na noite de Lua Cheia
e na cúmplice timbila
entoa os ritmos dolorosos do pesadelo.

E borboleta amarela
no estrênuo palpar das asas
sozinha escreve na atmosfera agrimensurada
a fábula incrível das novas casas estranhas
e dos jazigos sempre descobertos pelo outros
nas minhas terras familiares de xingombelas
ao norte e ao sul das águas do Zambeze
agora à míngua de boas chuvas
e macambúzios sem manadas.

E tu, conterrânea dos olhos grandes
continuarás assim frívola
no teu dúbio silêncio?

Pois eu
do primeiro ao último invendido cromossoma
desnutrido moçambicano da cabeça aos pés
da concessão dos alvarás de extracção dos minérios
farei para ti neste ano de mil novecentos
e sessenta e um aqui na Mafalala
inteira a beleza do som
e completo o lirismo da fúria
desta minha insubordinada
impoética poesia.

QUARTETO

Cecília :
sobre nós
e a música do quarteto
permanecem vivas as coisas.

E...
inconsequente
o dúctil gesto desenha
um adeus
e doce o sorriso trai
o momento frustré.

Tudo
traz a marca das inatrevessadas paredes.
e ave súplice bate
contra o muro da vidraça
e faz o voo
novo e belo das suas asas.

Mas
um solo de bateria
modela os passos na insinuação do ritmo
e na noite
a simétrica moldura
das mútuas fronteiras de vidro
esfria o teu sorriso.

SEGREDO

(para a Vicki)

A noite estava escura
escura e fechada até à beira do mar.
escura e fechada estava a noite.

E os langues
olhos dos dois encontraram
no céu Cruzeiro do Sul Xi-Ronga
e uma poalha de estrelas cobriu confidências
mundos de silêncio
o litúrgico frenesi dos dedos
e o desejo ardente de não ser
mais do que um.

A noite estava escura
e fechada à beira do mar.

Mas o beijo
dos dois no tempo esquecido
transformou a noite.

MULATA MARGARIDA

Eu tenho uma lírica poesia
nos cinquenta escudos do meu ordenado
que me dão quinze minutos de sinceridade
na cama da mulata que abortou
e pagou à parteira com o relógio
suíço do marinheiro inglês.

Mulata Margarida
da carreira do machimbombo treze
cabelo desfrizado com ferro e brilhantina
fio de ouro com medalha de um misericordioso
Deus Nosso Senhor de patrão
e tu Joaquim chofer do táxi castanho
sabem que eu sou bom freguês
até três dias apenas depois do fim do mês.

E corpo moreno de mulata Margarida
é vestido de nailon que senhor da cantina deu
mais quinhentas de chá
arroz e molho de amendoim
para Zeca Macubana que herdou olhos azuis
das românticas noites
de jazz
nos bares da Rua Araújo
enquanto a cinta elástica suspende
o ovário descaído.

E eu sei poesia
quando levo comigo a pureza
da mulata Margarida
na sua décima quinta blenorragia.

IN MEMORIAN A COALBROOK

(para a M.)

Por baixo das avenidas de uma cidade mineira
o último turno dos homens de capacete de lata
desceu no «shaft» a sina de magaíza
e cristalizou-se de repente nos olhos bantos
o sonho de libras da «Transvaal Company».

E na angústia cósmica
as tuas ardentes feições esclavas
e a quimérica solidão dos teus cabelos negros
à confiança do túmulo de mina
estalam o egoísmo do teu lar burguês.

E na súbita elegia
simples e verdadeira como jazigo de hulha
o senhor Potgieter qualquer salta do «bus»
no coração da Ellof Street
assobiando o último êxito de Elvis Presley.

Aqui, beijamo-nos
e lá um microfone de alta fidelidade
amplificou cem milhões de vezes
o jazz terrível
da liberdade dos mortos !

CARTA PARA UMA MARIA JOÃO

Sobre os dois
fagos-fátuos obsessivos brilham
e hemípteros cicadários aristocráticos
rouquejam escarninhos no galhos das acácias
e chamamos-lhes cigarras
plebeias cantadeiras frustradas
tanto como nós, Maria João.

Somos deste Universo
de estupros nucleares incestuando o mundo
e sanguíneas rosas despetalizadas no baixo-ventre
das virgens desfloradas nas núpcias de bombas
ou pérfidos olhos estrábicos de gente
espreitando nas carlingas de aço
a desova atmosférica dos peixes de âmbar
sobre o colo macio das cidades hermafroditas
com meninas de dezassete anos insones altas horas
estilhaçando as unhas
no sexo fofo das almofadas.

Minha João :
temos direito ao sonho
e ao gosto de inventar linhas de palavras
que signifiquem uma espécie de potros indomáveis
rilhando quilates de ouro nos freios
e escarvando um chão de sumaúma
com patas ferradas de úteros

de cristal esmagando cirros.
Sonho onde nunca mais se deitarão soldados
com suas hirtas virilidades de culatras
a violentar a erva dos matos moçambicanos
mas rolaremos desnudos os dois
revoltos cabelos curtos aos molhos nos meus dedos
e teus pomos compactos
densos no fluido sem peso
mágicos e totais
como tordos furiosos entre os meus dentes
átomos mordidos nos lábios na mesma
nossa lufa-lufa dos corpos espermaticando-se.

Maria João :

repara na vibração das células
minhas e tuas.
O esforço de fingir para os outros
que somos ao desejo deles
ou quase
ou menos
ou apenas nada.
Repara e pensa o que vale
um erétil sonho escondido num gesto convencional
um «Olá!» impessoal com um «pullover» desbotado
ou então a coragem de não negar o sabor das coisas
e senti-las vibrar vibrar
como entre as falangetas um sexo.

João :

diz-me hoje mesmo
agora mesmo João aqui em Lisboa
pois nunca um pássaro voando vive tão pouco
que não tenha tempo e ânsias
de rasgar a mentira que estoire
as paredes obstruindo o sémen das suas asas.

E nós, Maria João

que bebemos sóis meridionais nas ânforas

mútuas dos corpos
façamos um mínimo de fome
tornar-se uma girândola de sonhos
no delíquo de tantãs e pulseiras tinindo
a esmo num céu puro de tatuagens de bombas
e milhafres de sangue
inúteis no mundo de todos nós.

POEMA DE JOAQUIM CHOFRER

(para o Rui Nogar)

Brincando ao sol
no bairro das casas velhas
os meninos de calções rotos e bolas de meia
estacaram.

No bairro das casas velhas
Joaquim chofer guiava o «Ford» carregado de pão,
as mãos fechadas no volante sem alma
sonhando

Na rua
vibrava baixinho o som quente da viola de Tingane
e os gritos rebentaram nos caminhos de areia :

— Carro de pão chocou !
— Ô-uê... carro de pão chocou !...

E o sol bateu em cheio no zinco das casas velhas,
o sol bateu em cheio nas rodas arrebitadas
o sol bateu em cheio !

E os velhos pais dos meninos das casas velhas
e as velhas mães dos meninos das casas velhas
e os velhos meninos de zagaias de caniço das casas velhas

gritaram :

— Carro de pão chocou?

— Ô-uê chocou carro de pão?

O sol bateu em cheio no caniço das casas velhas
o sol bateu em cheio nas rodas do carro de pão
e Joaquim chofer ao volante
sonhando...

(ah, o sol bateu em cheio nos cestos de pão)

Depois os velhos pais
as velhas mães
e os velhos meninos das casas velhas
humanizaram-se de desespero à volta do «Ford»
e nos fundos cúmplices dos quartos das casas velhas
Joaquim chofer
Joaquim chofer
Joaquim chofer guiando carro de pão
sorriu nas velhas barrigas da gente das casas velhas
(Ô... uê... viola de Tingane vibra mais forte)
Ô... uê... ô... uê !

No bairro das casas velhas
o sol bateu em cheio nas latas de leite vazias
enquanto Joaquim chofer sonhando
encontrava-se.

Brincando ao sol,
os meninos de calção roto e zagaias de caniço
os velhos e as velhas e a viola de Tingane
Ô... uê... ô... uê... e irmão Joaquim chofer
no dia em que o pão bateu em cheio no sol
do bairro das casas velhas.

CARTA PARA A MÃE DOS MEUS FILHOS

Santa

minha esposa Maria de Lurdes
mãe dos meus filhos
dois que nasceram gerados na maternidade
dolorosamente feliz do teu corpo.
Rugas de trabalho
no teu rosto moreno triste
e antes do tempo o desmame dos filhos
minha mulher companheira e mãe
todos mais à tua volta juntos
irmãos no arroz um dia restos do outro dia
e nos dedos o amuleto geométrico
da mais finíssima fatia de pão.

Santa

minha esposa Maria de Lurdes
lembras-te? Era o tempo ocioso do desemprego
jipes travados de repente à nossa porta
extemporâneos visitantes à paisana
e o teu amor
no prodígio das imprevisíveis refeições
na simples água para beber que não havia
ou no pão pequeno demais para todos
mas repartido em saborosas côdeas
grandes aos olhos da fome de cada um.
E na tua coqueteria a espuma
de sabão fluindo entre os dedos no lavadouro

à cabeça a lata cheia no chafariz da rua
um filho dormindo na tua ilharga
outro aninhado no meu colo.
E dócil nas tuas mãos
a minha obencerragem camisa de popelina
nenhum dinheiro pagando o milagre
de a vestir passada a ferro todos os dias
e às vezes em vinte e quatro horas ininterruptas
uma única chávena de chá
nossa excêntrica refeição.

Santa

minha esposa Maria de Lurdes
mãe dos meus filhos
dois que nasceram gerados na maternidade
dolorosamente feliz do teu corpo :
excepcionalmente agora já ganho razoavelmente
até me servem nos restaurantes da cidade
tenho o nome de vez em quando nos jornais
quatro pares de sapatos fabrico portugueses
telefonemas confidenciais
e a roupa talhada a meu gosto
num alfaiate branco.
Quanto ao resto, Maria
tu sabes que o suburbano que sou
calça e veste-se como os outros
mas o coração do teu marido
não há terylene que lhe faça o fato.
E um bife com batatas fritas
não esquece como foram os nossos filhos
paridos entre paredes de enfermaria
reservada às mães no plural de dor
dos fetos negros-assimilados ou indígenas
chineses, mulatos e monhés aos nove meses.

Santa

minha esposa Maria de Lurdes
mãe dos meus filhos

dois...

hoje almoçamos quando nos apetece
discuto sociologia
jazz, pintura abstracta
marrabenta e mulheres bonitas.
Sou popular como um jogador de futebol
abomino o «apartheid», mas felizmente
sou amigo de amigas e amigos brancos
e quando calha também faço versos.
E os duzentos e cinquenta escudos
de cada uma das minhas camisas nãilon de luxo
dão-me a engravatada aparência do figurino
eurofútil que não me desnaturaliza.

Maria de Lurdes :

e as Áfricas vividas
em cada um de nós maiores na dor de ambos
pelas lágrimas que já te fiz chorar
e calos que nas tuas mãos endureceram
juro que te amo puro
no obsessivo amor contraditório
dos homens na inocência
voluntária de amar outras.
e perdoa-me
santa minha esposa Maria de Lurdes
as horas Mafalalas não dormidas
enquanto na tua boca deponho o beijo
de obrigado pelos sonhos ondulados
a preceitos da casa de chapas de zinco
mas realizados junto de ti
tu, minha irmã esposa e mãe
resignada na grafia desta carta
onde lúcido confesso o que fomos
e aonde chegaste comigo, Maria.

Agora, peço-te :

seca os teus olhos grandes
e não chores mais

porque na inquieta alegoria
pai e mãe dos mesmos filhos
e todos ânsia da mesma Pátria
mesmo que os outros nos separem
transcendemos o simples adeus.

MESMO DE RASTOS

(para o Fernando Couto)

Mesmo depois
eu quero que me escutem
na razão da minha voz insepulta
e viril como um punhal.

E que a terra apenas cubra
a memória dos gestos inconclusos
e não o sopro incontido
dos gritos que eu gritar
no túrgido silêncio das manhãs
carregadas do mênstruo com que nascem

E
na sensualidade da minha voz insepulta
ou na paz dos metacarpos cruzados
eu quero que me oiçam
sintam inteiro
e vejam rebelde e nu
como sou.

Mas ao ácido sabor do fruto imaturo
irei à conquista do horizonte dos astros
enquanto nos dedos o aroma
é da mão que colheu a flor

olhos num céu que se não vende
mas vê-se em nacos inteiros
azuis mesmo de rastos.

E na minha humana condição
a morrer insubmisso
e a gritar vou
como as ondas que nascem das ondas do mar
e morrem para se renovar.

FRIO NOS SUBÚRBIOS

Nos bairros de caniço
sobre as cabeças inclinadas
espessas nódoas de leite condensado
branqueiam o caqui da tarde
e as folhas secas dos eucaliptos
frívolas flutuam cabras do vento.

E a cidade
ensaboada de inútil fraternidade
é como um polvo
espremendo o sangue das ruas
a tentáculos de silêncio.

Sai a Lua
face gorda alisada a cosméticos
da nossa transpiração
e satura-nos de lirismo.

Vem a noite
e nós em comum
os olhos humedecidos
cacimbamo-nos nos subúrbios.

PRATO DE ARROZ

Bagos
fazem jorrar motins das unhas
do clã de meninos à volta de um amuleto
em bom português chamado prato de arroz
menu exclusivo destas nossas mães
no esquema das virilhas cobrando
o salário em vigor na lei
do colchão em ajustes
crónicos de pernas
com pernas.

Ah, cambada de uma espécie
de meninos nesta feliz forma de entrar
a fundo na vida sem ao menos a percepção bem
cão de vivê-la
ou gozar de longe como nos fica todas as noites isto tudo
como um caju verde crestando-nos o lábio.

Mas abortar
o meio minuto em que sai filho
não elimina de vez a razão dos sexos insindicalizados
nem enche de arroz as bordas
deste prato.

A FRATERNIDADE DAS PALAVRAS

O céu
é uma m'benga
onde todos os braços das mamas
repisam os bagos de estrelas.

Amigos :
as palavras mesmo estranhas
se têm música verdadeira
só precisam de quem as toque
ao mesmo ritmo para serem
todas irmãs.

E eis que num espasmo
de harmonia como todas as coisas
palavras rongas e algarvias ganguissam
neste satanhoco papel
e re combinam em poema.

NATAL

(para o João Mendes)

Roto e descalço
vai o garoto dos subúrbios
de rua em rua
pelas montras da cidade
poema de Júlio a chorar.

Janelas de vidro do Natal
iluminadas a lâmpadas furta-cores
que meu irmãozinho da Munhuana espreita.
Ah, João :
em África há meninos
proprietários do seu Natal
nos galhos de um pinheiro
ou no seu sapato de verniz.
Mas meu irmãozinho, não.
Ele vai de loja em loja
e descalço Natal de nada
brinca a sofrer os outros a brincar.

CONTRA-SENHA

Êxtase
de esferas de beijos.
Fomes azuis de horizontes
e tu, querida
flor inânime na madrugada
espírito presente
artérias em assombrações.

Minutos gritados em vão.
Crânios estilhaçados nos caules.
Cúmulos de estertor.
E no desbotado anil do céu
as pupilas vazadas a bicos de baioneta
pintam um pesadelo de gengivas amarelas.

Leve
teu corpo macio de impala
e o bico dos peitos
arando-me o tórax na alucinação.

Louvada ânsia.
Aerólitos de desejo.
Isolamento.

Apesar de tudo, Maria
a senha és tu
e a contra-senha é : «Amor» !

LATITUDE ZERO

E a nossa casa, mãe
nosso lar de velhas paredes de caniço
já não está lá
no lugar onde o pai do pai do teu pai
ao sol e à chuva
em doze luas de trabalho
a construiu.

E no sítio da tua sepultura, mãe
debaixo das mafurreiras de frutos de ouro
onde a bebida fermentava a missa de cocuana Matsinhe
pesam os muros de cimento
que o senhor das terras levantou
ao abrigo da lei da concessão de terrenos vagos
onde não existe ninguém
e só vivem negros
mulatinhos e negras.

Dentro das coordenadas geográficas
registadas numa planta do cadastro da circunscrição
dormes o teu sono perpétuo, mãe
ao som de blasfémias que não chegaste a ouvir
mas gostaria de ouvir
e quererias sentir, minha mãe.

E hoje que a nossa casa de paredes de caniço
e os trinta e cinco pés de mandioca

foram esmagados pelas lagartas de aço
do monstro Caterpillar do senhor concessionário
o secular desespero
planta milho que não nasce
e mapira que não cresce
na latitude zero do talhão de pedras e cobras
da reserva indígena onde moramos blasfemos
nós, os negros, os mulatinhos
e as negras.

EM QUANTAS PARTES ?

Em quantas partes se divide um grito
em quantos corações se parte uma terra
em quantos olhos se come o sol
e em quantos pães se mata um sonho?

E se uma mulher despida é sempre um desejo
mais aperfeiçoado do que todos os milagres
o que significa neste Mundo o miolo
de um pão obscuro às metades
na mesa de seis bocas?

E quando é certo que um negro
dorme os velhos sonos tão completamente
só imitando outra pessoa a dormir quando já não pode
carregar um saco
ou levar o menino à escola
em quantas partes se divide um riquexó na ilha
em quantas partes se vive uma chávena de chá
em quantos sofás de mandioca se deita a filha mais nova
e em quantas partes se morde um bife de nervo
até ao delírio do osso no espaço tenro
do mundo na lua espetada num tronco
de imbondeiro no jantar engendrado no mato?

E neste poema em quantos trapos
se esconde o rei da fome de cada um
e levanta a cabeça o preciso
verso da fome de cada rei?

HINO ÀS MÃES

Nesta vida
das entranhas em que se move
um embrião de gritos
nascem-te os filhos com renúncias
sangue e dor à mistura
Mãe !

E sempre
no instinto que não rejeitas
de um lar óvulo da tua carne
és mais do que o gomo do fruto
tanto como a génese da flor
dádiva generosa como a raiz
e razão humilde como a semente
Mãe !

Que tu
prazo consciente do mênstruo realizado
escuta-lo no corpo todo e na superfície
da tua pele sente-lo vivo
capaz de lágrimas para chorá-lo
um coração duplamente a bater
na tua gravidez de capulana
e às vezes quanto custa, mãe
restar de tudo isso uma cicatriz de choro
gravada na memória dos ouvidos
ou no espelho dos olhos um pequeno
rectângulo kodak no álbum de família.

Tu, mulher
que sugados seios amamentam
ávidas bocas na primeira fome
e na metamorfose de uma colher de sopa
a síntese austera de uma desnudada
teta no sabor
genuíno do teu leite
também branco de mãe.

E na carícia das tuas
macias palmas das mãos duras
de trabalho no meu rosto de criança
sempre um amor que jamais
caberá em palavras que não sejam a crença
completa de cada homem
na sua jura sobre a própria mãe.

Ah !
mas desde o idílio
ao gâmeta fecundo
e da seiva plasma do mesmo sangue
ao primeiro beijo na face do menino que nasceu
salvé-mulher da ternura que se não vende
o arfar do teu inchado ventre liso
curva inestética de beleza única
ao ângulo inobsceno das coxas
na invenção do nono mês
que ficou da primeira vida
na fêmea transformada
na técnica de nos fazer vivos.

E
glória
à concepção na Terra
germe de amor no Mundo
numa palavra só :
Mãe !

REZA, MARIA !

Suam no trabalho as curvadas bestas
e não são bestas
são homens, Maria !

Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos
e não são cães
são seres humanos, Maria !

Feras matam velhos, mulheres e crianças
e não são feras, são homens
e os velhos, as mulheres e as crianças
são os nossos pais
nossas irmãs e nossos filhos, Maria !

Crias morrem à míngua de pão
vermes nas ruas estendem a mão à caridade
e nem crias nem vermes são
mas aleijados meninos sem casa, Maria !

Bichos espreitam nas cercas de arame farpado
curvam cansados dorsos ao peso das cangas
e também não são bichos
mas gente humilhada, Maria !

Do ódio e da guerra dos homens
das mães e das filhas violadas

das crianças mortas de anemia
e de todos que apodrecem nos calabouços
cresce no mundo o girassol da esperança.

Ah, Maria
põe as mãos e reza.
Pelos homens todos
e negros de toda a parte
põe as mãos
e reza, Maria !

SIA-VUMA

Enquanto

instintivas andorinhas
incansáveis fulgem as asas
contra a taciturna saca azul
engomada a pulso sobre nós
com alcunha portuguesa de céu
suburbaninhos largam-se à mecha dos pneus à mão
ou pilotos analfabetizados guiam
à pata os «friendships» de caixote

SIA-VUMA !

E o nosso amor de homens
descerra os olhos ao nu mais feminino
de um par de pernas abertas
na insolação viril do xigubo

SIA-VUMA !

E noivas

cinjem aos rins
a vertigem púrpura das capulanas
e reprimem nos seus bantos corações
uma a uma as missangas da tristeza
e talhem a dente a xicatauana da paciência
que o tempo de amar se não extingue
e na espera o sonho excessivo
do verdadeiro amor compensa
a alucinante visão de um novo horizonte

SIA-VUMA !

E carnudos

gomos de lábios escarlates de virgindade
nas nossas pálpebras
boca e músculos tlhatlhuvem a verdade
da coacta insónia do zampungana

SIA-VUMA !

E não mais o lobolo
da estiva de manhã à noite

sem o gozo comum dos sexos
e coxas delas penetradas
a machos de liberdade

SIA-VUMA !

E as maxilas
das fêmeas a tin-gomas de desejo
que nos mordam a carne no delírio
indelével dos dentes
e fembem-nos o torso e os punhos
à lei dos tintlholo irados
contra as maiúsculas das letras
e algarismos nas blusas de contratados

SIA-VUMA !

E o comboio dos magaízas
será transporte escolar dos meninos da linha
e os compondes celeiros do nosso milho

SIA-VUMA !

E um círculo de braços
negros, amarelos, castanhos e brancos
aos uivos da quizumba lançada ao mar
num amplexo a electrogéneo
apertará o imbondeiro sagrado de Moçambique
à música das timbilas
violas, transistores e xipendanas

SIA-VUMA !

E dançaremos o mesmo tempo da marrabenta
sem a espora do calcanhar da besta
do medo a cavalo em nós

SIA-VUMA !

E seremos viajantes por conta própria
jornalistas, operários com filhas também dançarinas de
[ballet

arquitectos, poetas com poemas publicados
compositores e campeões olímpicos

SIA-VUMA !

E construiremos escolas
hospitais e maternidades ao preço
de serem de graça para todos

e estaleiros, fábricas, universidades
pontes, jardins, teatros e bibliotecas

SIA-VUMA !

E guiaremos as nossas charruas
editaremos os nossos livros
semearmos de arroz os nossos campos
sintonizaremos a voz dos nossos emissores
e bateremos também o «crawl» nas piscinas

SIA-VUMA !

E ergueremos estátuas aos nossos técnicos
estádios para os nossos jovens
estâncias para os nossos velhos
e represas alegóricas ao pai
à mãe e ao filho evocados nas maldições
infinitas que devastaram África

SIA-VUMA !

E distribuiremos amuletos de aritmética
e invocaremos o exorcismo dos altos-fornos
a antropologia cultural de um changana
a uma virgem maconde
e a lógica diesel das geradoras na Manhica

SIA-VUMA !

E armados de martelos e chaves de boca
montaremos água canalizada no Xipamanine todo
desviaremos o machimbombo 7 para a Polana
e o machimbombo 2 da Polana para o Alto-Maé
e controlaremos a lavra de quilovátios todos os dias
semeando amperes no Chamanculo inteiro

SIA-VUMA !

E inocularemos
de nós para o mundo a vacina
contra os virus suásticos
e pendurada exibiremos ao povo dos belos bairros
a relíquia fóssil da gengiva de nojo
dos que traírem o folclore deste poema

SIA-VUMA !

E à propaganda deste abecedário
inoxidáveis ao medo
levantemo-nos ao acetileno das palavras
insurrectos em massa

SIA-VUMA !

E deixem em nós gerar-se
irresistível a prole das sementes do beijo
consanguíneo do grande dia

SIA-VUMA !

Que um enxame de mãos em prece
na orgia fantástica dos augúrios do nhanga
há-de voltar deste exílio
mais moçambicano connosco

SIA-VUMA !

— * —
Babane
1964

GLOSSÁRIO XI-RONGA-PORTUGUÊS

- Ambanine : Adeus a todos.
 Aringa : Aldeia fortificada.
 Batuque : Festa em que predominam as danças ao ritmo dos tambores.
 Beleka : Clássico costume de levar os filhos às costas ou na ilharga.
 Bilo-bilana : Passarinho de cor amarela.
 Capulana : Pano típico com que as mulheres se vestem e que desce até aos tornozelos.
 Changana : Grande tribo irmã dos rongas na língua e muitos costumes.
 Chango : Espécie de gazela.
 Chinfunfununo : Carocha que faz rolar uma bola de excremento.
 Chope : Grupo étnico desprezado pelos rongas e changanas por exercer nas cidades os mesteres mais baixos e repugnantes, como seja o transporte de baldes de dejectos humanos nos subúrbios de Lourenço Marques. Exímios executantes de timbila e músicos extraordinários.
 Cocuana : Velho. Avô. Termo respeitoso para todos os anciãos.
 Componde : As pousadas dos trabalhadores. Do inglês «compound».
 Fachola : Pá. Do inglês **Fire-shovel**.
 Fembem : Fembar ou ku-femba; acto de exorcismo contra os demónios enviados por outrém.
 Gã-galhã-galhã : Som onomatopaico do carro-eléctrico em movimento.
 Galagala : Lagarto de cabeça azul que habita em árvores de grande porte.
 Gamboas : Pesca na praia por meio de estacas em que o peixe fica preso quando a maré baixa.
 Inguavana : Prostituta.
 Karingana-Ua-Karingana ! : Fórmula clássica de iniciar um conto e que possui o mesmo significado de o «Era uma vez».

- Kenquelequezê : Ritual. Espécie de «baptismo» do recém-nascido com invocações à Lua Cheia.
 Kulucumba : Deus. Ser supremo.
 Lagoas : Subúrbio onde havia lagoas e mais conhecido por ser lugar de prostitutas na mais baixa escala do ofício.
 Lobolo : Espécie de compromisso em que determinado valor corresponde ao dote e que os pais da noiva recebem pela mão da filha e se comprometem a devolver caso ela não esteja virgem ou se mostre estéril.
 Mabandido : Neologismo do português **bandido** e prefixo ronga **ma**.
 Macambúzios : Do português macambúzios e que derivou para sinónimo de pastor de rebanhos no mato.
 Machamba : Plantação.
 Machimba : Excremento.
 Mafalala : Sub-bairro do bairro da Munhuana.
 Mafurreira : Árvore meliácea de cujos frutos se extrai o óleo chamado mafurra. (*Trichilia emetica*)
 Mangando : Nome.
 Mahep : Bebida feita de arroz e farinha de trigo a que se adiciona açúcar.
 Mainato : Criado que normalmente lava e passa a roupa. Do malaio **mannatan**.
 Majumbo : Tripas. Geralmente as que servem para cozinhar.
 Mamana : Mãe. Senhora. Título respeitoso para mulher ainda não idosa.
 Mamba : Espécie de serpente de veneno extremamente mortal.
 Manhingue : Muito. Bastante. O mesmo que «maningue» já «aportuguesado».
 Mapsele : Elevada condição social de mulher de meia-idade. Senhora de muito respeito.
 Mampsincha : Fruto comestível de planta rasteira.
 Marrabenta : Ritmo e canção do folclore sul-moçambicano. Do português **rebenta** e prefixo ronga **ma**.
 Matangadana : Morcego.
 Matope : Lama. Barro. Terra lodosa.
 M'benga : Recipiente cónico de barro onde as mulheres moem milho, mexoeira e amendoim. O mesmo que alguidar ou almofariz.
 Msaho : Verso de composição musical executada pelos timbileiros.
 Mufana : Rapaz.
 Mutovana : Amuleto.
 Munhuana : Grande bairro suburbano.
 Nembo : Latex extraído de um pequenino fruto e com o qual se apanham pássaros.
 Nhanga : Feiticeiro com poderes de curandeiro.

Nongas : Pau que funciona como cajado e que serve de arma de defesa ou de ataque, geralmente de superfície polida pelo uso.

Quissimusse : Natal. Prendas da quadra natalícia. O mesmo que «Boas-Festas».

Quizumba : Hiena.

Rua Araújo : Rua onde tradicionalmente se concentram os bares e cabarés nocturnos frequentados pelos marinheiros e mulheres da vida.

Satanhoco : Injúria correspondente ao português *sacana*.

Sharpeville : Lugar da África do Sul onde ocorreram incidentes sangrentos.

Sia-Vuma ! : A cada prece invocatória responde-se com o refrão «Sia-Vuma !» correspondente ao Amén !

Sipai ou sipaio : Indígena auxiliar de posto administrativo ou o polícia-auxiliar.

Talácuas : Formiga moçambicana muito voraz que forma verdadeiros tapetes rolantes no mato e devora tudo à sua passagem. Espécie da marabunta sul-americana.

Tchaia : Bater. Fazer soar.

Timbila : Nome próprio do instrumento conhecido por marimba.

Tincarôsse : Castanha de caju. Do português *caroço* e prefixo *ronga tin*.

Tingolé : Pequeno fruto de árvore. Saboroso e farináceo.

Tingoma : Batida de tambores. Tambores.

Tintiholo : Os ossículos, raízes, conchinhas e pedrinhas que o feiticeiro agita e lhe servem para adivinhar.

Tlhatludem : O agitar os objectos sagrados para adivinhar.

Tombasana : Rapariga solteira.

Xibalo : Trabalhador contratado ao ano. Trabalhador braçal. É pejorativo.

Xicatauana : Espécie de blusa muito justa usada pelas mulheres rongas.

Xibubutelas : Espécie de bolachas adoçadas com açúcar.

Xicombelo : Pedir. Aquele que pede esmola.

Xicomo : Enxada.

Xicuembo : Deus. Espírito sobrenatural. Indivíduo possessor.

Xiganda-bongolo : cobertor barato com que se cobre o burro.

Xingombelas : Ritmo de dança em que intervêm homens e mulheres.

Xigubo : Dança de exaltação antes ou depois da batalha.

Xiguevengos : Bandidos que actuam à noite.

Xigugo : casebre.

Xipalapala : Espécie de trompa ou trombeta de chifre com que se convoca o povo.

Xipamanine : Bairro suburbano.

Xipendanas : Instrumento musical unicórdio tocado com uma vareta e modulado com a boca.

Xipene : Espécie de gazela.

Xipefo : Rudimentar candeeiro doméstico feito de pequena lata vazia e um simples morrão embebido em petróleo que dá uma luz bruxuleante e que origina espessa fumaça.

Xipoco ou xipocuè : Alma de outro mundo. Fantasma. Indivíduo feio.

Xirico : Passarinho todo amarelo e de muito chilreio.

Xi-Ronga : Língua dos rongas. Tribo da área compreendida pelo distrito de Lourenço Marques, parte do grande grupo Tonga.

Xitimela : Comboio ou qualquer tipo de máquina a vapor. Do inglês *steam*.

Xitotonguana : Passarinho muito saltitante.

Xitututo : Motocicleta. Onomatopeia do trabalhar da moto.

Zambeze : Grande rio moçambicano que desagua no Índico.

Zampungana : O homem que retira baldes de fezes humanas nos subúrbios.

Zavala : Circunscrição célebre pelos seus timbaleiros chopos.

Zichacha : Régulo dos tempos da pacificação.

ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS
29 DE MAIO DE 1974 NA
TIP. ACADEMICA, LDA.

Impressão e distribuição: OZOL, A. B. e o Mestre, Milhões
Digitalização: Babilon / Imprensa Portuguesa / Depósito Legal N.º 382296/14

«A um raciocínio mais leviano poderá espantar que Craveirinha sirva de guia numa descida aos infernos; ele que habita entre nós se bem que um pouco a noroeste, onde as areias da Mafalala ameaçam romper os diques e invadir o alcatrão; ele que agrimensura (para usar uma expressão querida ao poeta) os mesmos espaços por nós percorridos nos quatro cantos da cidade.

Vamos assentar num ponto: o poeta Craveirinha, que é o homem Craveirinha a realizar-se artisticamente, situa-se numa dimensão diferente da nossa, quase sempre hostil ou pelo menos indiferente ao outro lado do muro que habitamos e onde assentam seus frágeis alicerces as nossas complacências, a trágica e vil renúncia de que é feito o nosso viver quotidiano.

Craveirinha enche amoroso e apaixonado seus versos dessa evocação querida: os largamente divulgados poemas «Mãe» e «Sangue de minha mãe» são testemunhos de como o poeta reclama, pela via materna, uma natureza eminentemente africana. (...)

O poeta não se fica, contudo, pela escolha que fez. Vai mais longe; depois de se saber e se querer africano, nessa essencialidade reencontrada, e através dela, vai procurar resgatar a metade paterna, fazendo-a participar do milagre do seu eu moçambicano.

Dr. Rui Baltazar, 1963

★

«lirismo indignado»: definição que perfeitamente quadra à poesia de Craveirinha, quase de um extremo ao outro da sua já longa e quase impublishada jornada.

(...) uma estratégia, de um assalto tacticamente organizado que o Poeta empreende contra o nosso eu, de um objectivo preciso e à escala da Humanidade.

Há em Craveirinha — é mesmo esta uma sua característica nuclear — este gozo, este gozo sensual, esta posse, direi mesmo: esta alucinação da palavra. Craveirinha morde a polpa das palavras, taceia-as amorosamente, fá-las vibrar no poema, encoleriza-as... Craveirinha — por isso é poeta — é bem o termo: se ele nos choca ainda bem — o objectivo é esse e não outro. Não há como um bom choque uma vez por outra para que a inércia das nossas convicções inamovíveis se comece a inquietar de alguma forma.

Eugénio Lisboa, 1962 — Lourenço Marques

★

Mas o grande poeta actualmente em Moçambique, em Lourenço Marques, é José Craveirinha. É um poeta que sofreu a influência dos surrealistas, que tem uma veia muito popular e cuja poesia toda possui um carácter social. Ela radica nas camadas mais profundas do povo negro. É um poeta que se aparenta, se quisermos, com Guillen. Ele é considerado pelos intelectuais brancos como o poeta mais importante e mais autêntico do país.

Tristão Tzara, 1964